

AS TRANSFORMAÇÕES NO CONJUNTO HABITACIONAL “PAR - PRINCESA DO SUL”: UMA ANÁLISE PAUTADA NOS NÍVEIS E DIMENSÕES DO URBANO

*Paula Neumann Novack¹
Gilciane Soares Jansen²
Rosalina Burgos³*

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pesquisamos o conjunto habitacional Princesa do Sul, do Programa de Arrendamento Residencial – PAR e suas transformações-alterações ocorridas neste local devido apropriação deste espaço. Causando modificações no espaço concebido por uma política habitacional padrão.

Temos como objetivo analisar a transformação do espaço projetado-concebido, através das necessidades, desejos e sonhos pessoais de cada morador (habitat/habitar), e também compreender até que ponto as modificações no conjunto habitacional são positivas e a partir de que ponto torna-se um conflito de vizinhança.

Este estudo discute, com base no aporte teórico-conceitual da Geografia Urbana baseada nas contribuições de Henri Lefebvre, que as alterações ocorridas no conjunto habitacional nem sempre são negativas. Estas transformações são necessárias para que os seres humanos não sejam “robotizados”. Assim, essas modificações e alterações ocorrem devido à própria dinâmica da sociedade e da geografia urbana.

Como já indicado, trabalhamos numa perspectiva geográfica pautada nos estudos bibliográficos do autor Lefebvre, principalmente o Capítulo “Níveis e Dimensões do Urbano”, do livro “A revolução urbana”. Neste, o autor trabalha a questão dos espaços concebidos, percebidos e vividos e também os níveis do global, misto e privado. O espaço concebido está relacionado com o projeto, obras realizadas através de estratégias, planos e intervenção do Estado e da política. Neste caso, política habitacional. Este espaço concebido envolve profissionais ligados às áreas de arquitetura, engenharia civil, enfim, departamentos que

¹ Acadêmica do curso de Geografia/UFPel. E-mail: paula_novack@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Geografia/UFPel. E-mail: gilciane.jansen@hotmail.com

³ Professora Orientadora. Professora da Universidade Federal de São Carlos/SP. E-mail: rburgos@usp.br

trabalham com planejamento. Os conjuntos habitacionais são “representações do espaço” ligadas aos espaços concebidos-projetados. Esta representação tem na sua formação normas, regras, institucionalidades que determinam o espaço concebido, os condomínios fechados. Diferentemente do concebido, o espaço vivido discorre sobre a concepção de apropriação de determinado lugar. Este espaço é o da vida cotidiana, envolvendo sonhos, desejos pessoais, enfim, a percepção e concretização das vontades humanas de acordo com suas necessidades advindas de sua formação e de sua vivência. Já o espaço percebido se realiza entre essas duas concepções anteriormente citadas. O percebido está relacionado com a percepção de cada pessoa é o filtro que determina os sentidos, sentimentos humanos em relação aquele espaço concebido ou vivido. O nível privado baseia-se em edificações, habitações que formam, ou melhor, modificam o espaço urbano. Neste nível, podemos analisar dois pontos de grande relevância para este trabalho. São eles, o habitat e o habitar. O habitat caracteriza-se pela forma em que o ser humano se reproduz neste espaço, ou seja, comer, dormir e reproduzir-se enquanto pessoa neste lugar. O habitat possui uma forma determinada pelo sistema capitalista vigente. Segundo Lefebvre, o habitat foi instaurado pelo alto: aplicação de um espaço global homogêneo e quantitativo, obrigando o “vivido” a encerrar-se em caixas, gaiolas, ou “máquinas de habitar”. Este habitat condiciona o modo de agir, pensar e habitar das pessoas. O mesmo habitat visa atender às expectativas elementares e não transcender aos desejos e necessidades. Estes cabem ao habitar que objetiva colocar em pauta as realizações do vivido. Estas realizações, nos espaços de moradias, podem caracterizar as mudanças decorridas do habitar. O habitar significa transcender o formal, o regulado, criar espaços de acordo com o que cada ser humano deseja. Isto pode ser representado em suas vontades, sonhos que se exprimem de forma muito sutil e simples que transformam este habitat concebido/pronto em habitar do vivido, do cotidiano e da criatividade.

2 DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, trabalharemos a questão do conjunto habitacional PAR como uma política pública habitacional sem alterações, modificações, feitas pelos moradores (espaço concebido). O espaço concebido seria o local projetado por profissionais da área arquitetônica, engenheiros e demais áreas que trabalham com planejamento. De acordo com a nossa percepção de habitat podemos afirmar que este conceito trabalha com a perspectiva de que todos os seres humanos (habitantes) devem ser iguais, isto é, robotizados, o que é uma não verdade proposta pelo sistema concebido (habitat).

Podemos afirmar que em nosso trabalho de campo analisamos que os únicos espaços que permanecem de forma concebida são aqueles espaços comuns a todos (Figura 1).

Nível Concebido



Figura 1 - Esta foto representa que este espaço que é comum a todos não teve transformações.

Autor: Novack, Paula. Data: 29/06/2010

O espaço percebido surge a partir do momento em que as pessoas efetivam a compra do imóvel e passam a habitá-lo. Neste momento o morador irá analisar e perceber as condições daquele local de acordo com seus sentidos e a partir desse momento realizar um planejamento futuro para efetivar os seus desejos e satisfações pessoais.

O espaço vivido cinco anos após a entrega dos imóveis a os moradores e visível a apropriação geral daquele espaço anteriormente concebido. O espaço vivido no conjunto habitacional (PAR) demonstrou que os habitantes fizeram várias alterações nesse espaço por conta de suas necessidades e vontades.

A partir desse momento iremos trabalhar as alterações identificadas através do trabalho de campo:

a) A pintura original foi realizada pelos responsáveis do condomínio, porém só em parte do conjunto habitacional. A partir desse momento os próprios moradores ficaram responsáveis pela pintura de suas casas. Neste caso alguns pintaram e outros não, (Figura 2).

Nível vivido:



Figura 2 - Esta foto demonstra a alteração feita nesta casa através da pintura de acordo com os desejos e sonhos deste morador.

Autor: Novack, Paula. Data: 29/06/2010

b) O apartamento foi entregue com as janelas sem venezianas. Porém, uma moradora colocou venezianas em seu imóvel, este ato implicou em sucessivas multas. Mas, com o tempo e processo judicial esta moradora conseguiu com que todos os demais moradores tivessem o direito de colocar recobrimento em suas janelas, (Figura 3).



Figura 3 - Casa da moradora que colocou venezianas em suas janelas.

Autor: Jansen, Gilciane. Data: 29/06/2010

c) Percebemos que 3 moradores realizaram obras em suas casas que interferiram de forma negativa na vida de seus vizinhos. Porque estes ficaram sem iluminação solar em suas casas, o que causa dificuldade para secar suas roupas. Este fato também facilita o grau de umidade na casa do morador vizinho. Dessa forma, podemos caracterizar este ato como um impacto de vizinhança, (Figura 4).



Figura 4 - Morador que construiu uma peça a mais em sua residência.

Autor: Novack, Paula. Data: 29/06/2010

Realizando análise dessas fotos é possível comprovar que o espaço concebido se transforma em vivido e o habitat tomou dimensões de habitar com a apropriação e a realização dos sonhos, desejos e necessidades dos moradores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Para finalizar, é importante ressaltar todos os aspectos trabalhados ao longo desta pesquisa. Questões relacionadas aos níveis concebido, percebido e vivido foram de fundamental importância para o nosso entendimento da dinâmica habitacional, sua relação com a geografia urbana.

Dessa forma, podemos afirmar que nossa questão central se confirmou de forma positiva. O habitat (espaço concebido) se transforma em habitar (espaço vivido) dentro do conjunto habitacional analisado, sendo que essas ações estão relacionadas às necessidades, desejos e sonhos das pessoas que ali habitam.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2004. (Capítulo IV: Níveis e dimensões do urbano).

MAGALHÃES, Mario Osório. **Pelotas século XIX**. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A cidade fragmentada. O Planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2005.